

Paternidade Trans em cena:
Entrevista com o ativista Alexandre Peixe

Alexandre Peixe¹
Leonardo Morjan Britto Peçanha²

Resumo: Para além de ser um ativista pioneiro, Xande é pai e avô. Nesta entrevista, visibilizamos a história de Xande, pela perspectiva de sua paternidade e como essa experiência impactou sua vida. Relatos sobre ativismos, gestação, amamentação, um pouco do início da história do movimento transmasculino brasileiro, entre outros temas serão falados nesta entrevista que também é marcada pela geração.

Palavras-chave: paternidade, parentalidade, história de vida.

¹ Conhecido como Xande Peixe. Trans marido, pai e avô. xandepeixe@gmail.com

² Filho do Sr. José Peçanha e filho enlutado de D. Valquíria Britto. Sobrinho de Cleuza Britto e Jaime Britto. Afilhado de Elisabete Britto. Professor, escritor e ativista. Doutorando em Saúde Coletiva (IFF/FIOCRUZ). contato@leonardombpecanha.pro.br

Xande Peixe como é conhecido, é um homem trans negro de 51 anos. Um ativista orgânico do movimento social LGBTQIAPN+ e pioneiro no movimento transmasculino brasileiro. Atuou como redutor de danos e foi presidente da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de São Paulo, numa época em que não se falava muito sobre transmasculinidades. Tendo se assumido em meados de 2004, ele passou por uma época que não tinha tanta visibilidade e repercussão sobre homens trans, como também não havia políticas públicas. Ele ajudou a construir o que hoje chamamos de movimento transmasculino brasileiro. Pai e avô, ele conta um pouco de sua trajetória e os desafios de criar uma filha e ser avô no Brasil, enquanto homem trans.

Leonardo: Amigo, gostaria de dizer que você é uma grande referência para mim, pra nós. Obrigado por disponibilizar o seu tempo, tá bom?! Para começar, gostaria que você se apresentasse e falasse um pouco da sua trajetória, por favor...

Alexandre: Bom, eu sou o Alexandre Peixe. O pessoal me conhece como Xande Peixe... a minha trajetória na militância, ela começa em 2004. A partir de 2004 na militância LGBT, as outras militâncias que eu fiz em pautas como drogas, AIDS, já vêm de um tempo anterior, mas enfatizando a questão dos homens trans somente a partir de 2004. Fui presidente da parada do orgulho LGBT de São Paulo, fiz parte do Centro de Convivência É de Lei, que é de redução de danos, mas de 2004 para cá eu enfatizei mesmo na militância para homens trans.

Leonardo: Eu li em uma entrevista uma vez que você, em 2004/2005/2003 por aí, já se assumia como homem trans, certo?! E você também foi presidente da parada... foi isso mesmo, correto?

Alexandre: Foi, foi isso! Da parada eu fui presidente acho que em 2008 ou 2010. Foi muito importante porque eu acredito que sendo o primeiro homem trans a presidir uma ONG mista (isso foi um reconhecimento também), foi importante trazer a visibilidade de pessoas trans, mas principalmente de homens trans porque nessa época

não se falava muito nisso. Eu acredito que eu trouxe a discussão para o movimento, não a discussão dos homens trans, mas trouxe para o movimento LGBT a discussão sobre homens trans...que existíamos, estamos aqui. E foi nessa época que começou a surgir bastante menino falando: “Olha, putz eu me sinto assim também...”, muitos meninos me procuravam... tinha o Raicarlos, João Nery, outros meninos que vinham, mas numa coisa não tão militante. Tinham sua militância, mas não focada na questão dos homens trans. E eu acho que nessa época eu consegui trazer essa visibilidade para os homens trans, para se discutir questões de homens trans a partir daí...

Leonardo: Uma coisa importante que eu lembrei agora é que você também participou da 1ª Conferência Nacional LGBT...

Alexandre: Sim, Sim!

Leonardo: Da primeira e da segunda, não é isso?

Alexandre: Isso! Da primeira só...

Leonardo: Era você, Leonardo Tenório?! Raicarlos e Guilherme?

Alexandre: E o Lam Matos...

Alexandre: Porque foi em Brasília. Isso eu já tinha participado de outras ONGs que não existe mais, tinha participado de outras coisas..., mas a Conferência Nacional foi muito importante, muito tensa e muito decepcionante ao mesmo tempo. Porque existiam umas regras dentro do encontro em que as pessoas tinham que escolher um tema para discutir sobre a sua identidade e tinha acho que eu e mais três pessoas e tinham vários temas... E a gente queria participar de tudo. E aí falaram: “Não, vocês não podem! Escolhe um e pronto.”. Pô, mas a gente não pode deixar a Educação de lado, nem deixar a Saúde, nem deixar não sei o que... aí a gente teve que pedir em uma assembleia para que a gente pudesse ficar um pouquinho em cada e trazer nossas questões dentro da Conferência. E foi muito bacana porque a gente conseguiu em 5, com 20 temas, participar de todos. A decepção vem quando sai os primeiros Anais da Conferência e que o que a gente colocou não saiu, mesmo na votação da assembleia

final que foi aprovada, quando a gente lê os anais da primeira Conferência, não aparecem as nossas questões. Essa foi a coisa mais decepcionante... foi a primeira coisa, vieram outras obviamente, mas essa foi a primeira. Mas ao mesmo tempo, as pessoas que estavam ali, o movimento todo que estava lá reconheceu que existíamos. A luta é diária (a luta hoje), mas no começo ela foi árdua... éramos poucos para falar sobre isso. Não tínhamos muitas informações! As informações que eu tinha quando eu me identifiquei, me assumi como homem trans, ela vinha da Espanha... que nem falavam “Homens trans”, falavam “FTM” (Female To Male). Eu lembro até hoje quando eu estava na Associação, só que eu não era presidente ainda, eu era só voluntário e tinham as reuniões semanais. E tinha um dia da semana que era reunião de trans mas eram só Mulheres trans e Travestis e eu lembro que a nossa querida Pamela Anderson (já falecida), ela e a Luana Vendramini começaram a me chamar de Xandão e eu sabia o que eu era mas eu não sabia o que que era... Aí elas pegaram e falaram assim: “Mano, você não é lésbica, você é um FTM... pesquisa aí” E tal, aí a partir daquele dia eu comecei a me identificar. Eu falei: “Não, cara, é aqui que eu to...é aqui que eu me encaixo. É aqui que eu vou viver feliz!” E foi a partir daí que... aí eu falei: “Não, agora eu assumo aqui a minha identidade e vou pra luta!” Que foi aí que eu comecei realmente a luta dentro do Movimento, criando o Movimento de Homens trans.

Leonardo: Você participou de eventos importantes como o ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Liberados que atuam na Prevenção da Aids) já como homem trans também...

Alexandre: Tudo... O primeiro que eu participei foi um internacional que foi o Mauro Cabral que organizou na Argentina em 2005, onde eu encontrei outros homens trans... foi muito bacana! De vários países, né, foi um encontro que eu não sei se ainda tem, mas a gente passou acho que foram 15 dias em Serras de La Falda e foi muito rico porque eu comecei a conhecer o movimento que o Mauro já trazia e outros homens trans. E aí também comecei a entender as diferenças de cada homem trans, que não era

padronizado: “Ser homem trans é isso!”. Como aqui no Brasil ainda tem essa questão... não, tinha homem trans lá que estava de coturno, calça de exército e uma blusa de lantejola, maquiado. Isso em 2005, a gente vê isso agora, depois que veio toda essa discussão da não binariedade e tal, mas, porque a gente sempre foi engessado que homem trans tinha que ser padronizado, aquela coisa cisnormativa. E aí depois eu participei do ENTLAIDS, a primeira vez que eu fui ao ENTLAIDS acho que foi também em 2005 (agora não me recordo se foi em 2004 ou 2005, não sei qual que foi primeiro...). Mas aí, a Keila já me colocou ali, representando como homem trans, primeiro homem trans lá, foi muito legal...muita gente, conheci muita liderança e a ANTRA nessa parte também foi muito importante para a visibilidade. Mesmo que, a ANTRA a gente discute muito, né?! A ANTRA sempre foi muito importante nessa fala, né: “A gente vai dar o passinho, mas vocês têm que caminhar sozinhos...”. Então, assim, a ANTRA é a ANTRA e aí nasceram outros movimentos: O IBRAT, o ABHT...nasceram outros movimentos, mas foi muito importante participar do ENTLAIDS como primeiro homem trans dentro do ENTLAIDS porque a gente consegue visualizar qual é a diferença (a diferença que eu digo são as especificidades...) dos homens trans com as mulheres trans e as travestis, então foi muito importante também. E aí eu participei de vários ENTLAIDS e outros meninos também participaram e aí começaram a chegar os meninos, foi muito importante.

Leonardo: E em relação ao fato de você ser um ativista (você falou do início da sua trajetória como ativista), tem algum impacto ou relação com a sua paternidade?

Alexandre: Não, com relação a isso nunca teve, não. Mesmo porque eu sempre trouxe a minha filha, Bruna, comigo no movimento. Então, assim, sempre foi muito claro, real. Assim: Eu sou um homem trans pai. Tem a questão aí de que a Bruna criou o termo “Pãe”, eu não sei se já existia, mas ela foi, pra mim, a primeira pessoa que falou isso. A Bruna sempre participando das coisas comigo, tanto do movimento de drogas e redução de danos quanto no movimento LGBT, a Bruna sempre esteve ao meu lado.

Então, assim, sempre conversei muito com a Bruna. Nunca escondi da Bruna as minhas opções, as minhas escolhas, a minha identidade...nunca. A Bruna sempre soube que eu gostava de menina, até onde eu me identificava como lésbica, aí quando eu me reconheço como homem trans, tive um papo superbacana com ela. Falei: “Olha, agora não é mais “mãe”, é “pai "...”, Aí teve um processo na cabecinha dela e com 13 anos ela pegou e falou: “Ah, então você não é mais “mãe”, vai ser “pãe "...”. Aí quando eu começo a minha transição, tomando hormônio e tudo, que eu mudo toda a minha aparência, que eu começo realmente a fazer a transição, vamos dizer assim, ela chega e fala pra mim: “Ah, agora não vou mais te chamar nem de “mãe”, nem de “pãe”, vou te chamar de pai!”. E ela, no ativismo dela (porque eu vejo como um ativismo), começa a trazer isso para os amigos. Aí a Bruna começa o ativismo pessoal dela, com relação a transmasculinidade. E sem eu falar nada... entendeu? partiu dela... Aí ela começou a falar com os amigos, falar: “Não é mais minha “mãe”, não é mais meu “pãe”, é meu pai!” e aí ela começa a explicar o que eu era. Isso foi muito legal! Minha relação com a Bruna é muito forte e muito boa. Teve um episódio que, sempre saí ela com os amiguinhos e o namoradinho e o namoradinho falou assim: “Mas aquela sua mãe não vem não, né? Não quero passar vergonha...” Ai ela falou: “Ah, então fica com os seus amigos...”. Aí teve a questão da escola, eu fui em uma reunião de pais e aí terminou a reunião, fui embora, aí ligam da escola que a Bruna tinha batido em um menino, tinha quebrado a cara do menino. Aí eu chego lá, a diretora me chama na sala e aí eu falei: “Mas por que ela fez isso?” Aí falaram: “Ah, porque ela naturalizou uma coisa que não é normal...o menino chamou você de sapatão e ela quebrou a cara dele. Ela disse que você não era sapatão e que não era problema dele...” e aí ela falou assim: “Isso não é normal em uma criança, aceitar isso... Ela precisa de acompanhamento.” ai eu falei: "Opa...peraí, quem precisa de acompanhamento é a senhora!”. Até mudamos de escola... e aí a Bruna sempre me apresentou para os amigos, para os pais dos amigos, dos namorados como pai. E ela fala abertamente, aí tem umas pessoas que perguntam

assim: “E quem é a sua mãe?” E ela fala: “Ele!” Aí perguntam: “Não estuo entendendo: Quem é seu pai? Quem é sua mãe? E ela responde: “É ele! Ele é meu pai e minha mãe, meu “pãe”, minha mãe, meu pai, é tudo!”. E aí a Bruna chega e fica grávida e aí começa a minha militância junto com a militância da minha filha. Minha filha de um lado, com as pessoas cis praticamente, e eu fazendo a minha militância dentro do movimento mesmo. 16:50

Leonardo: Sobre os movimentos que você participou, você acha que teve alguma retaliação ou algum preconceito em relação a você ter engravidado? Temas como aborto, gestação e paternidade, houve algum preconceito? Alguém chegou a se afastar por causa disso?

Alexandre: Não, dentro do movimento, não. Porque eu já cheguei pai, então não teve. Mesmo que na época, nessa época que eu começo ainda não se falava muito, né, de homens trans grávidos e essas coisas. Apareceu primeiro foi aquele menino dos Estados Unidos, eu acho, né?! Mas também tem uma questão importante da minha época... (Quando eu falo da minha época, Leo, é porque a militância tem uma trajetória e essa trajetória, ela começa bem “careta”. A gente fala de ser homem trans em uma época em que para ser homem trans, você tinha que assumir aquela coisa machista, aquela coisa do homem tóxico, sabe?! Então você não pode fazer algumas coisas, tipo, “Não posso pedir uma Malzbier no bar porque se não é bebida de mulher”, “Não posso cruzar a perna, só posso daquele jeito “macho”, “Não posso falar “querido””, “Não posso ser educado porque ser educado também é coisa de mulher”, dar beijo, então, imagina, né? Então quando eu falo dessa “época” é isso... Era mais aceito/mais aceita a minha “*pãeternidade*” nessa época porque foi fruto de uma violência. Uma violência sexual... porque a minha filha é fruto de um estupro coletivo e corretivo que eu tive. Que era para me ensinar que eu nasci mulher e eu tinha que ser mulher. Isso foi em 1990. Então isso era mais aceitável porque foi um estupro, porque não foi uma decisão minha: “Ah, quero ser pãe/mãe ou pai”. Por isso que era mais aceito, hoje não, hoje

você vê uma outra visão e tal..., mas na época era isso. Não era do movimento, mas também houve um afastamento das minhas amigas lésbicas, porque, tipo, eu "traí" a lesbianidade ficando grávido. Mas também não dentro do movimento. Dentro do movimento, não, porque eu já chego pai. Já chego bancando, realmente: "É isso e pronto! Isso não me deixa mais homem, menos homem, mais masculino, menos masculino... esse sou eu" O que eu ouvia era: "Se foi violência sexual, você podia ter abortado..." Aí eu falava: "Não. Eu não quis abortar, foi uma opção minha!" Aí falam: "Ah, mas por causa da sua religião?" E eu respondia: "Não! Foi uma opção minha, eu não quis abortar. Eu quis ter uma filha!" E aí foi onde eu gestei e gerei uma linda mulher. Porque hoje ela é uma linda mulher, tem 30 anos já. (min 20:36)

Leonardo: Você teve algum problema com relação a gestação? Com cuidados gestacionais e neonatais? Teve alguma questão em relação a isso?

Alexandre: Não. Não, porque na época eu ainda não tinha feito a transição, né, então... Eu era uma pessoa bem masculina, sempre fui, nasci menino, praticamente (risos). Acho que quando bateram na minha bunda, eu falei: "Qual que é, rapaz?", né? Deve ter sido isso (risos). Era diferente, né, você estar em um espaço feminino, muito feminino... então, assim, ir ao ginecologista fazer pré-natal (obstetra que fala, né? É, acho que é...) ... Ir lá, fazer o pré-natal, é tipo: chegar na sala, aquele monte de mulher com vestido, tudo lá e eu de calça ou macacão com bota (na época se usava umas botas da Kildare, bem machão mesmo!) e chegar com aquele barrigão. Só não tinha barba na cara, mas a cara, né, já identificava. Então, assim, era o único momento, assim, mas com relação ao médico foi normal, foi tranquilo. Foi feito o pré-natal certinho... aí vem a parte do parto, a hora do nascimento. Que aí foi muito interessante: Eu decidi fazer cesárea, por uma questão de corpo, não quis fazer parto normal; sou muito a favor do parto normal, mas pra mim não cabia, aí tive o neném lá, me lembro que eu estava no quarto e chega a Bruna toda enroladinha igual a um charuto. E tinha uma mulher no quarto e ela falou assim: "Ah, é melhor desembrulhar essa criança porque eles não

contam quando vem com um defeitinho!”, olha o jeito que a mulher falou... Aí eu falei: “Ah, é?”. Desembrulhei e tal e aí eu vi que ela tinha dois dedinhos coladinhos, mas o resto tudo tranquilo, aí tentei embrulhar lá do jeito que eu não sabia, quase caiu o charutinho lá... Aí a Bruna começa a chorar, assim, sem parar. E chora, e chora e eu assim: “Meu Deus, o que está acontecendo com esse neném? O que está acontecendo com esse neném?”. Entra a enfermeira no quarto e ela fala assim: “Por que essa criança tanto chora?” E eu falei: “Não sei, começou a chorar aí...Não sei.” A enfermeira diz: “Já amamentou?”, eu peguei e falei: “Não, ninguém trouxe a mamadeira.”, nesse momento a mulher fala: “Não, é assim...” e foi colocando a mão no meu peito... Foi quando eu dei um tapa não mão dela e falei: “Opa, aqui ninguém põe a mão, nem ela...” apontando para a Bruna. Daí ela diz: “Não, mas ela tem que tomar leite materno porque não sei o que...” e eu falei: “Não, aqui não vai, não vai ninguém tocar.”, porque para mim as mamas eram uma coisa muito ruim. Acho que era onde me identificavam não pertencente ao meu gênero, que eu sou. E aí uma amiga pegou e falou assim: “Olha, vamos fazer assim: vou comprar uma bombinha, você tira o leite e ela toma na mamadeira.”. Aí enquanto ela foi providenciar isso, primeiro que eu não iria deixar mesmo, aí o hospital, de maternidade pegou e começou a dar o leite do banco de leite para a Bruna e aí eu fui dando. Até dois anos de idade era o leite materno, não deixou de ser, que eu também acho importantíssimo, mas foi através da mamadeira e da bombinha. Aí a Bruna cresce, começa a crescer e vem a questão da criação: ser pai e mãe ao mesmo tempo. É uma coisa difícil, mas maravilhosa, principalmente quando você consegue mostrar para a sua filha (no caso, minha filha) toda a diversidade que existe. Eu tenho um histórico de que aos 3 anos minha mamãe morre de AIDS, casada...

Leonardo: Com homem?

Alexandre: É. E aí vem todo aquele julgamento: “Como assim? Ela não pegou do meu pai...” e aí vem todo um questionamento, aí você coloca isso que com o tempo as pessoas vão falando. E falando de 91, minha mamãe morreu em 95, 95 ainda era a

peste gay, a coisa de prostituta, era aquela coisa horrível, né. E aí vem os julgamentos e, assim, eu sempre amenizando e realmente: Mano, ninguém é obrigado a ficar com ninguém. Se ela teve um casamento extraconjugal... e aí eu fui ensinando para a Bruna essas questões: de que ninguém é de ninguém, de que seu corpo é seu corpo, sua regra... isso vem com a Bruna. Então a Bruna tem uma cabeça que é incrível! Aí eu vou falando com o tempo, com a Bruna, sobre as minhas transformações, vamos dizer assim... mas eu vou mostrando para ela essa diversidade. Então o mais bonito na adolescência da Bruna é que as amigas da Bruna que ela saia, que ela ia para a praia, que ela viajava, eram travestis e transexuais. Sempre! Ela mandava foto e ela ia mesmo... e se alguém mexesse com alguma das meninas, era barraco. Então, assim era muito legal, ela tem uma relação com a Alessandra Saraiva, com a Adriana, a Drica bonita... então, assim, ela tem essa relação. E sempre teve! Com travestis, transexuais e homens trans. É uma coisa muito dela. A Bruna é hétero, a Bruna é cis, a Bruna é casada, tem uma filha, sou vovô... E quando a Bruna aparece grávida, a Bruna também decide (mesmo que o pai da menina, na época, não quis assumir), ela peita também essa maternidade. E ela me chama: “Você tá comigo? Você vai ser vovô...” e aí eu revivo tudo aquilo. É muito legal, cara, eu revivo tudo aquilo. E aí é pior, viu? ser avô... é pior. Porque aí você vai comprar roupinha, você vai comprar coisa, é uma segunda maternidade, mas ela é mais para o lado do dengo, sabe? Porque eu não vou dizer que foi fácil, que foi um paraíso. Porque eu era sozinho... que nem eu falei, mamãe morreu quando eu tinha 3 anos. Então, assim, criar uma criança em um corpo trans em uma sociedade hipócrita, em uma sociedade preconceituosa não é fácil. Porque as pessoas começam a querer interferir na sua criação: “Ah, você não pode fazer isso perto dela.”, perto dela, eu não estou falando de sexo... é de tipo, ter uma namorada. “Você não pode.”, não, sempre foi muito às claras. Até eu brincar e falar assim (brincando, imagina, Bruna tem a vida dela...): “Aí, eu não vejo a hora de você entrar com uma namoradinha aqui...”, aí ela dizia: “Aí, pai, eu não vou entrar com uma namoradinha,

no máximo eu vou ser bi!”, ela falava, ela falava mesmo: “Vou ser bi!”, “Não, lésbica, não. No máximo vou ser bi!”. E foi indo, mas a Bruna sempre namorou meninos, tem muitas amigas da escola que são lésbicas. Até ela falou assim: “Pai, você precisa conversar com uma amiguinha minha que ela acha que ela é que nem você!”, aí eu falei: “Ah, vamos conversar...” né. Ela leu um negócio lá e aí, assim, a gente conversando, não sou psicólogo, não sou formado, mas eu tenho vivência... então assim, conversando e tal, ela falou: “Ah, não sou não...eu sou lésbica mesmo”. Porque também teve essa imposição, né?! Quando a menina lésbica era mais masculinizada, já falavam que era homem trans, teve isso, teve essa passagem também dentro do movimento.

Leonardo: Hoje está menos pior?

Alexandre: Hoje está menos pior, hoje não... é, hoje tem a não binariedade.

Leonardo: Então você está dizendo que o fato de você ser homem trans teve impacto na criação da sua filha e com uma educação desconstruída desses estereótipos?

Alexandre: Aham, total! Total, Leo... eu tive oportunidade de mostrar para a minha filha que o mundo não é só duas caixinhas. Existem inúmeras possibilidades. A primeira vez que a Bruna quis fumar Narguilé, eu falei: “Vai fumar, mas aqui perto de mim!”. Teve umas coisas que até eu estranhava, eu falava: “Eu detestava isso nos meus pais, mas estou fazendo igual”, mas eu acho que é uma questão de proteção. Pra te falar: tinha um grupo de amigos que ficava na rua (que hoje não dá mais pra fazer isso, na época dava) sentadinhos fumando lá, então dava a hora, entrava. Mas eu fui lá e comprei, banquei, falei: “Não, pode fumar.” né, os amigos dormiam em casa, tinha até uns amigos dela que falavam: “Cara, queria ter um pai igual ao seu!”, “Não, é muito legal, o seu pai!”. E assim, nenhum dos amigos, eu nunca ouvi nenhum dos amigos da minha filha questionarem a minha sexualidade. E sempre me chamaram pelo meu nome Alexandre, nunca usaram, isso são meninas e meninos, que nunca usaram “ela”, o pronome. Sempre “ele”, tinha uns que falavam “senhor” ainda e isso foi muito legal. Eu tive um problema seríssimo na questão da minha neta, que aí foi uma questão muito

séria que eu acho a mais grave dentro dessa relação de parentalidade/de paternidade, sabe? Eu vou chegar nisso..., mas aí a Bruna vem, fala que eu ia ser avô e tal, aí fui aquele avô babão, sou até hoje. A Mariana é uma criança também que aí junta eu e a Bruna em uma militância também. Até teve a primeira caminhada trans que eu também participei junto com o Lam, com outros meninos, o Lourenzo, um outro menino da SSEXBBOX, eu não lembro o nome. A gente fez e no final, em cima do trio teve as falas e a Mariana queria falar. Aí a Mariana pega, só que ela não podia subir no trio, acho que tem uma regra por causa do tamanho dela, né. Aí a Alicia Kruger desceu o microfone e falou: “Vamos deixar ela falar!”, aí ela pegou e gritou: “Meu vovô é Frans (sic)! Viva!” e aí foi muito legal. A Mariana, a gente, eu nunca precisei chegar na Mariana e explicar.

Leonardo: Mariana é sua neta?

Alexandre: É, Mariana é minha neta...

Leonardo: Quantos anos ela tem?

Alexandre: Ela tá com 10. Vai fazer 10... vai fazer 10 agora em julho. Mariana nasceu um dia antes do meu aniversário. Por 4 horas não é no mesmo dia que eu (risos). Uma cancerianazinha também. E aí, assim, a gente não precisou. Para a Mariana, eu sou o vô, ela não questiona nada. Eu sou o vô. E a Mariana participou do processo da mamoplastia e eu lembro que eu fui pro hospital, fiz a mamoplastia, quando eu voltei, ela falou assim: “Aí, vovô, agora você não tem mais tetas, que bom! Você está feliz?”. Então, assim, a Mariana sempre teve uma tranquilidade, a Bruna então... e a Bruna me ajudou nessa coisa, porque não precisou chegar para a Mariana. A Mariana não tem acesso muito a internet, essas coisas, então não foi uma descoberta que ela fez na internet. A gente só naturalizou, não precisava falar. A gente deixou acontecer...

Leonardo: Ela viu na prática, na vivência dela mesmo, com a família... Com o avô dela...

Alexandre: É! Sim... até que um dia ela me viu, antes da mamoplastia, ela me viu fazendo xixi sentado. Aí ela abriu a porta do banheiro, assim... aí ela falou: “Ih, vovô, ta fazendo cocô?”, aí eu falei: “Não, o vovô tá fazendo xixi!” e ela perguntou: “Sentado?”, aí eu disse: “É, é mais confortável...nossa, muito mais confortável ficar aqui sentado.”. Aí, cara, ela saiu, sabe? Ela saiu. A Mariana tinha um amiguinho, que também é um menino incrível, o Aba. Que o Aba e ela conversam muito (conversavam, né...), aí eles falavam muito de mim, então, assim, eles conversavam... eu os pegava falando assim: “Está melhor o vovô sem teta?” (eles falam “teta”), “Sem teta está muito mais bonito!”. E aí ela fala assim: “Só não tira a barriga, vovô, porque é meu puff...” (risos), ela fala. Ela chegou aqui sábado e já falou assim: “Ai, meu puff gostoso...” e sempre foi assim. Eu e a Mariana temos uma relação desde a barriga da Bruna. Eu sempre conversei com ela, eu sempre coloquei música... A Mariana, ela tem um gosto musical muito bom. É claro que hoje tem uma influência dessas músicas, né, mas ela tem que aprender também, ela tem que curtir tudo. Se a gente fala em diversidade, ela tem que curtir tudo. Curtir, não, ela pode experimentar e ver o que ela vai tirar, né? [...] O que foi que ela falou agora? Ah, a Mariana veio aqui sábado e ela falou assim: “Tu é famoso, hein, vovô?” Aí eu falei: “Por que?”, aí ela disse: “Teve um intervalinho na aula de informática e eu pus seu nome lá. Tem muita foto, vovô... Nossa, você é um Frans (sic) muito famoso!”

Leonardo: Frans... (risos)

Alexandre: É! Ela não muda... ela já sabe. Aí eu ia contar uma coisa que aconteceu que eu acho grave, achei muito grave. Como a Mariana nunca teve esse questionamento do que eu era, de como eu sou, dessas coisas, porque a gente nunca... o pai biológico dela, a gente tinha muita treta por questões pessoais. E um dia essa menina chega em casa e fala assim: “Vovô, você não é homem! Você é mulher.”. Cara, sabe quando você paralisa? Porque ela nunca tinha falado sobre isso. Ela nunca tinha falado

nem de homem, nem de mulher, ela não tinha falado “Você é homem” ou “Você é mulher” ...

Leonardo: Era vovô tudo...

Alexandre: Era vovô. Eu paralisei, cara. Juro por Deus! Eu fiquei estático. Eu falei: “Do que você tá falando?” e ela falou: “Meu papai me disse que você é mulher!”, mas ela veio de um jeito que eu nunca tinha visto. Agressivo! Foi ele que passou isso para ela. Aí foi o momento que eu me sentei com ela... falei: “Olha, a gente nunca falou disso, mas olha para o vovô. Eu sou mulher? Eu tenho cara de mulher?”, daí ela: “Aí, meu pai é um louco mesmo, né? Ai, meu pai é um louco...”, aí eu falei: “É, seu pai é um louco!”. Aí eu contei para ela... eu contei para ela e sabe o que ela fez, Leo? Ela se levantou e falou assim: “Vovô, vamos jogar?”. Eu contei e acabou o assunto ali, nunca mais se tocou nesse assunto! Ela simplesmente levantou e falou: “Vovô, vamos jogar!”, porque a gente jogava muito jogo de tabuleiro. E a gente foi e seguiu a vida. Aí chega à eleição do dito cujo, o dito cujo ganha, entra minha neta em casa apontando os dedinhos como arma e falando assim: “Bolsonaro!”. Eu paralisei de novo. Falei: “Que porra é essa?”, e ela: “Meu papai mandou dizer! Bolsonaro!” e eu falei assim: “Olha, vovô vai falar uma coisa para você: “Bolsonaro ganhou? Está bom, eleição, né... mas esse sinal de arminha não é legal! É violento, não faz mais isso...”, daí ela falou assim: “Vovô, mas o que é “Bolsonario” (sic)?” (ela fala “Bolsonario”). Ela nem sabia o que (ou quem) era Bolsonaro... e eu falei: “Bolsonaro é um cara que ganhou a eleição, ele não é do bem, ele é do mal, ele não gosta das pessoas como o vovô e tal...” aí ela me abraçou, chorou e pediu desculpas. Aí eu falei: “Não, não precisa pedir desculpas, só não faz mais isso, está bom? Apontar arminha para os outros é ruim!” e outra coisa que morreu o assunto. Então, a Mariana, minha neta, passa todas as férias aqui. Ela faz questão! Então se ela tem um mês de férias, 15 dias é comigo, ela não abre mão. Então já tá no caminho andado... feriado prolongado, se ela não tá no pai dela, ela tá aqui. A relação

que eu tenho como avô/como pai é incrível! Ela chama a Lelê de vó e a Lelê a chama de neta.

Leonardo: Amigo, eu já ouvi uma vez de um outro rapaz (que também é avô) que teve problema na documentação. Parece que tinha uma questão de que o filho dele não mudou o nome dele na documentação e ele tem certos receios de pegar a neta porque o documento do filho não está retificado. Você passou por isso ou tem alguma experiência nesse sentido?

Alexandre: Eu fiz toda a retificação, mas a Bruna não fez nos documentos dela ainda. Faz tempo que eu fiz, viu?! E a Bruna não fez..., mas a gente não tem esse problema, não. Porque, Leo, no documento da Bruna só tem meu nome, não tem nome de... (porque antes tinha pai e mãe, agora afiliação) então só tem o meu nome. E, assim, viajar com a Mariana sozinho eu nunca viajei, entendeu? Mas quando a Bruna vem, ela traz a documentação. Eu já fui ao hospital com a Mariana, levar a Mariana e nunca tive problema, não. Mas eu acho importante, eu acho que é a questão de eu cobrar mais a Bruna mesmo porque não muda só o meu documento. Muda o documento da Bruna e da Mariana, como avô materno, aí vai ficar interessante... (risos)

Leonardo: “Pãeterno” (risos)

Alexandre: “Pãeterno!” (risos) Vamos criar! Mas com relação a isso, eu não tive essa experiência porque eu nunca viajei sozinho com a Mariana. Mas a Mariana vem e..., mas é que a Mariana já é maior, né...

Leonardo: Já é grandinha, né?

Alexandre: É, já é grande..., mas a documentação, ela não mudou ainda. E eu fico pensando na questão e aí é uma coisa que eu nunca perguntei para ninguém também, que é a questão de que tipo: quando a gente tem o PIS, quando a gente tem o CPF, é só o nome da mãe que vem. Tanto que se você for fazer uma pesquisa, é o nome da sua mãe. Como não existe mais esse nome, se a Bruna procurar com o meu nome, acho que não vai aparecer mais. Eu nunca perguntei, assim, acho que ainda falta uma

discussão sobre essa questão da mudança ser em tudo, né?! É aquela coisa que eu falei na live, né, as coisa não são guarda-chuva; Não pinga lá e respinga e pronto, né? Essa é a questão do exército, a questão da prisão...

Leonardo: O título de eleitor também é assim...

Alexandre: É, o título de eleitor também é com o nome da mãe. Então, assim, não sei como ficaria. Mas aí para nós é tão natural que a gente não se preocupa com a documentação, com essa burocracia...

Leonardo: E para terminar, amigo, o que você tem para dizer para essa nova geração? Você que já é pai, avô, diga para quem quer ser pai e para essa nova militância que está chegando? Você quer falar alguma coisa?

Alexandre: Cara, eu acho que tem que vivenciar tudo o que eu não pude na época, sabe? Ser feliz. Hoje em dia a gente consegue. A mídia deu uma ajudada (mesmo que faça muita merda, né...), ela deu uma ajudada nessa questão de mostrar que essa possibilidade existe. Não tem mais aquele tabu: “Homem não engravida”. Homem engravida sim, homem tem vagina sim, homem trans pode ser gay... então, assim, você quer ser pai? Quer ser mãe? Quer ser “pãe”? A nomenclatura é você quem vai dar. Vai e seja feliz! Mas seja um pai ou uma mãe que não vai esconder dos filhos. Isso é uma coisa muito importante, é ser natural! Você não precisa sentar-se com a pessoa e falar assim: “Olha, eu nasci assim, sou assim...”, não. Seja o pai, seja avô, não precisa falar. A gente já tem tanta dificuldade com esse “ele/ela”, com essa gaveta de binariedade, não...deixa fluir, deixa ir. Crie seu filho como pai...se você quiser também, se você quiser criar como mãe em um corpo masculino, você também pode. Você pode dizer “eu sou mãe dela!” com barba, sem peito. Por que não? Porque a gente está em um outro movimento, em uma outra... e se a gente não fizer isso, a gente vai ser barrado de novo das coisas. É peitar! Se eu quiser falar que eu sou mãe da Bruna, eu vou ser mãe da Bruna. Ninguém vai me tirar isso! Porque eu estou dizendo, se eu to dizendo que eu sou homem, eu sou homem e ponto. Se eu to dizendo que eu sou mãe, que eu sou pai, eu

que estou dizendo. Porque é a minha vivência, é a minha experiência de vida. Assim, acho que a molecada hoje tem que botar isso para frente também, sabe? Sem medo! E se tiver algum entrave no meio, chama a galera da antiga, junta de novo e vamos pra cima. É isso (risos)...

Leonardo: Valeu, amigo!

Alexandre: Valeu!



Foto: Xande em sua casa recebendo Leonardo com sua esposa Letícia para entrevista (acervo caseiro)

Trans Fatherhood on stage: Interview with activist Alexandre Peixe

Abstract: In addition to being a pioneering activist, Xande is a father and grandfather. In this interview, we visualize Xande's story, from the perspective of his fatherhood and how this experience impacted his life. Reports on activism, pregnancy, breastfeeding, a bit of the beginning of the history of the Brazilian transmale movement, among other topics will be discussed in this interview that is also marked by the generation.

Keywords: fatherhood, parenthood, life history.

Recebido: 21/06/2023

Aceito: 26/06/2023